

Francisco Cândido Xavier

E a vida continua...

Pelo Espírito
André Luiz



Sumário

E a vida continua...	7
Homenagem	9
1 Encontro inesperado	11
2 Na porta da intimidade	17
3 Ajuste amigo	23
4 Renovação	29
5 Reencontro	37
6 Entendimento fraternal	45
7 Informações de Alzira	53
8 Encontro de cultura	59
9 Irmão Cláudio	67
10 Evelina Serpa	75
11 Ernesto Fantini	83
12 Julgamento e amor	91
13 Tarefas novas	101
14 Novos rumos	111
15 Momentos de análise	121
16 Trabalho renovador	129

17 Assuntos do coração	137
18 O retorno	145
19 Revisões da vida	155
20 Trama desvendada	165
21 Retorno ao passado	175
22 Bases de novo porvir.....	187
23 Ernesto em serviço	199
24 Evelina em ação.....	211
25 Nova diretriz	223
26 E a vida continua... ..	233
Índice geral.....	247

E a vida continua...

Leitor amigo,

Nada te escrevemos, aqui, no intuito de apresentar ou recomendar André Luiz, o amigo que se fez credor de nossa simpatia e reconhecimento pelas páginas consoladoras e construtivas que vem formulando do mundo espiritual para o mundo físico.

Entretanto, é razoável se te diga que neste volume, em matéria de vida *post mortem*, ele expõe notícias diferentes daquelas que ele próprio colheu em Nosso Lar,¹ estância a que aportou depois da desencarnação.

Conquanto as personagens da história aqui relacionadas — todas elas figuras autênticas, cujos nomes foram naturalmente modificados para não ferir corações amigos na Terra — tenham tido, como já dissemos, experiências muito diversas daquelas que caracterizam as trilhas do próprio André Luiz, em seus primeiros tempos na Espiritualidade, é justo considerar que os graus de conhecimento e responsabilidade variam ao infinito.

¹ Nota de Emmanuel: *Nosso Lar*, André Luiz.

Assim é que os planos de vivência para os habitantes do Além se personalizam de múltiplos modos, e a vida para cada um se especifica invariavelmente, segundo a condição mental em que se coloque.

Compreensível que assim seja.

Quanto maior a cultura de um Espírito encarnado, mais dolorosos se lhe mostrarão os resultados da perda de tempo. Quanto mais rebelde a criatura perante a Verdade, mais aflitivas se lhe revelarão as consequências da própria teimosia.

Além disso, temos a observar que a sociedade, para lá da morte, carrega consigo os reflexos dos hábitos a que se afeiçoava no mundo.

Os desencarnados de uma cidade asiática não encontram, de imediato, os costumes e edificações de uma cidade ocidental e vice-versa.

Nenhuma construção digna se efetua sem a cooperação do serviço e do tempo, uma vez que a precipitação ou a violência não constam dos planos divinos que supervisionam o universo.

Para não nos alongarmos em apontamentos dispensáveis, reafirmamos tão somente que, ainda aqui, encontraremos, depois da grande renovação, o retrato espiritual de nós mesmos com as situações que forjamos, a premiar-nos pelo bem que produzam ou a exigir-nos corrigenda pelo mal que estabeleçam.

Leiamos, assim, o novo livro de André Luiz, na certeza de que nos surpreenderemos em suas páginas com muitos pedaços de nossa própria história, no tempo e no espaço, a solicitar-nos meditação e autoexame, aprendendo que a vida continua plena de esperança e trabalho, progresso e realização, em todos os distritos da vida cósmica, ajustada às Leis de Deus.

EMMANUEL

Uberaba (MG), 18 de abril de 1968.

Homenagem

*Reverenciamos o Primeiro Centenário
de A gênese, de Allan Kardec.*

ANDRÉ LUIZ

Uberaba (MG), 18 de abril de 1968.





1

Encontro inesperado



O vento brincava com as folhas secas das árvores, quando Evelina Serpa, a senhora Serpa, decidiu sentar-se no banco que, ali mesmo, parecia convidá-la ao repouso.

Na praça ajardinada, o silêncio da tarde morna.

Raros turistas na estância mineira, naquela segunda quinzena de outubro. E, entre esses poucos, ali se achava ela, em companhia da governanta que ficara no hotel.

Afastara-se do bulício caseiro, sentindo fome de solidão.

Queria pensar. E, por isso, escondia-se sob a tolda verdejante, contemplando as pequenas filas de azáleas desabrochadas, que timbravam em anunciar o tempo de primavera.

Acomodada, rente à espessa ramaria, deu asas às próprias reflexões...

O médico amigo aconselhara-lhe revigoramento e descanso, ante a cirurgia que a esperava. E, sopesando as vantagens e os riscos da operação em perspectiva, deixava que as lembranças da curta existência lhe perpassassem o cérebro.



Casara-se seis anos antes.

A princípio, tudo fora excursão em caravela dourada sobre correntes azuis. O esposo e a felicidade. No segundo ano após o enlace, veio a gravidez, carinhosamente esperada; no entanto, com a gravidez, apareceu a doença. Descobri-se-lhe o corpo deficitário. Revelaram-se os rins incapazes de qualquer sobrecarga e o coração figurara-se motor ameaçando falhar. Ginecologistas ouvidos opinaram pelo aborto terapêutico e, conquanto a imensa mágoa do casal, o filhinho em formação foi arrancado ao claustro materno, à maneira de ave tenra, escorraçada do ninho.

Desde então, a viagem da vida se lhe transformara em verdade de lágrimas. Caio, o esposo, como que se metamorfoseara num simples amigo cortês, sem maior interesse afetivo. Passara facilmente para o domínio de outra mulher, uma jovem solteira, cuja inteligência e vivacidade Evelina podia aquilatar pelos bilhetes que o marido esquecia no bolso, portadores de frases ardentes e beijos pintados no papel com os próprios lábios úmidos de carmim.

O retiro e o desencanto que padecia em casa talvez fossem os fatores desencadeantes das crises terríveis de opressão que experimentava, periodicamente, na área cardíaca. Nessas ocasiões, sofria náuseas, dores cruciantes de cabeça com sensação de frio geral, que se faziam acompanhar por impressões de queimadura nas extremidades e aumento sensível da pressão arterial. No ápice da angústia, admitia-se prestes a morrer. Em seguida, as melhoras, para cair, dias depois, na mesma condição crílica,² bastando, para isso, que os contratempos com o esposo se repetissem.

Arruinara-se-lhe a resistência esvaíam-se-lhe as forças...

Por mais de dois anos, vagueara de consultório a consultório, sondando especialistas.

² N.E.: Relativo a crise.



E a vida continua...

Finalmente, a sentença unânime. Tão somente uma delicada operação cirúrgica viria recuperá-la.

No íntimo, algo lhe dizia ao campo intuitivo que o problema orgânico era grave, talvez lhe impusesse a morte.

Quem poderia saber? — indagava-se.

Ouvia os pardais chilreantes, cujas vozes lhe serviam por música de fundo à meditação, e passou, de repente, a calcular quanto ao proveito da própria existência, enumerando aspirações e fracassos.

Valeria furtar-se aos perigos da cirurgia, que sabia difícil, para continuar doente, ao lado de um homem que passara a desconsiderá-la no tálamo³ doméstico? E não seria razoável aceitar o socorro que a ciência médica lhe oferecia, a fim de recobrar a saúde e lutar por vida nova, caso o marido a abandonasse de todo? Contava apenas 26 anos; não seria justo aguardar novos caminhos para a felicidade, nos campos do tempo? Embora sentisse profundas saudades do pai, que desencarnara ao tempo em que ela não passava de frágil criança, havia crescido, na condição de filha única, sob a dedicação de carinhosa mãe, que, por sua vez, lhe dera um padrasto atencioso e amigo; ambos, com o marido, lhe constituíam a família, o lar da retaguarda.

Naquela hora, mergulhada nas virações do entardecer, mentalizava os entes queridos, o esposo, a mãezinha e o padrasto distantes...

De súbito, lembrou o pai morto e o filhinho morto ao nascer. Era religiosa, católica praticante e mantinha, com respeito à vida além da morte, as ideias que lhe eram infundidas pela fé que abraçava.

Onde estariam meu pai e meu filho? — perguntava-se. Se viesse a morrer com a moléstia de que se achava acometida, conseguiria, acaso, reencontrá-los? Onde? Não lhe era lícito pensar nisso, já que a ideia da morte lhe visitava insistentemente a cabeça?

3 N.E.: Leito nupcial, conjugal.



Atirara-se, avidamente, ao monólogo íntimo, quando alguém lhe surgiu à frente, um cavalheiro maduro, cujo sorriso bonachão lhe infundiu, para logo, simpatia e curiosidade.

— Senhora Serpa? — perguntou ele, em tom respeitoso.

E a um aceno afirmativo da interpelada, que não lhe escondia a surpresa, acrescentou:

— Perdoe-me a ousadia, mas soube que a senhora reside em São Paulo, onde moro também, e, por circunstâncias muito inesperadas para mim, fui informado, por pessoa amiga, de que temos ambos um problema em comum.

— Estimo ouvi-lo — disse a jovem senhora, percebendo-lhe o constrangimento.

Ante a inflexão de bondade daquela voz, o homem apresentou-se:

— Nada receie, senhora Serpa. Sou Ernesto Fantini, um criado seu.

— Encantada em conhecê-lo — falou Evelina e, fitando aquela fisionomia enrugada, que a doença abatia, acrescentou —, sente-se e descanse. Estamos numa praça enorme e, ao que parece, somos agora os únicos interessados no refazimento que ela oferece.

Encorajado pela gentileza, acomodou-se Fantini em assento próximo e voltou a expressar-se, avivando o diálogo que a atração mútua passou a presidir.

— A dona do hotel onde nos achamos fez-se amiga da governanta que lhe acompanha a viagem e vim a saber, por ela, que a senhora enfrentará também uma cirurgia de caráter difícil...

— Também?

— Sim, porque estou nas mesmas condições.

— ?

— Tenho a pressão arterial destrambelhada, o corpo à matroca. Há quase três anos, ouço os especialistas. Ultimamente, as

E a vida continua...

radiografias me acusam. Tenho um tumor na suprarrenal. Presinto seja coisa grave.

— Compreendo... — reticenciou pálida —, conheço tudo isso... O senhor não precisa contar-me. De quando em quando, deve atravessar a crise. O peito a sufocar, o coração descompassado, as dores no estômago e na cabeça, as veias a engrossarem no pescoço, as sensações de gelo e fogo ao mesmo tempo e a ideia da morte perto...

— Isso mesmo...

— Em seguida, as melhoras de algum tempo para depois começar tudo de novo, a qualquer aborrecimento.

— A senhora sabe.

— Infelizmente.

— O médico repetiu algumas vezes para mim o nome da moléstia de que sou portador. Gostaria de saber se a senhora já ouviu a mesma informação a seu respeito.

Fantini sacou do bolso minúscula caderneta e leu, em voz alta, a palavra exata que lhe definia o problema orgânico.

A senhora Serpa dissimulou a custo o desagrado que a enunciação daquele termo científico lhe causava, mas, dominando-se, confirmou:

— Sim, meu marido, em nome do nosso médico, deu-me a saber este mesmo diagnóstico, referindo-se ao meu caso.

O recém-chegado percebeu o aborrecimento da interlocutora e ensaiou bom humor:

— Deixe estar, senhora Serpa, que temos uma doença de nome raro e bonito...

— O que não impede tenhamos crises frequentes e feias — replicou ela, com graça.

Fantini contemplou o céu muito azul da tarde, como quem se propunha elevar a palestra, no rumo de planos mais altos, e Evelina seguiu-lhe a pausa, em silêncio comovido,



Francisco Cândido Xavier | André Luiz

entremostrando igualmente o propósito de alçar a conversação,
sofrimento acima, sedenta de refletir e filosofar.

